

HOSPITALIDADE ONTEM E HOJE: UM DESAFIO ÉTICO LOCAL AO MUNDO GLOBAL

HOSPITALITY YESTERDAY AND TODAY: A LOCAL AND ETHICAL CHALLENGE TO GLOBAL WORLD

Flávio Schmitt¹

Resumo

O presente artigo pretende analisar o tema da hospitalidade a partir da tradição judaico-cristã, destacando, assim, a sua dimensão ética. Nesse sentido, pretende-se mostrar que não se pode falar da hospitalidade no início do cristianismo sem falar, ao mesmo tempo, da herança recebida pelo cristianismo do mundo grego e de toda a tradição judaica. Por isso, o tema da hospitalidade será abordado a partir de três perspectivas: i) a experiência de Israel; ii) o lugar da hospitalidade na prática de Jesus; e, iii) a hospitalidade no nascimento do cristianismo.

Palavras-chave: Hospitalidade. Cristianismo. Bíblia.

Abstract

This article aims to analyze the theme of hospitality from the Judeo-Christian tradition, thus highlighting its ethical dimension. In this sense, I intend to show that it is not possible to speak of hospitality in early Christianity without speaking, at the same time, of the inheritance received by Christianity from the Greek world and the whole Jewish tradition. Therefore, the theme of hospitality will be approached from three perspectives: i) the experience of Israel, ii) the place of hospitality in the practice of Jesus, and, iii) the hospitality at the birth of Christianity.

Keywords: Hospitality. Christianity. Bible.

Introdução

Quanto mais o mundo e nele as relações humanas se internacionalizam, tanto maior e mais importante será e deverá ser o papel atribuído e confiado à hospitalidade. Contudo, estaríamos engados em nosso juízo se a prática da hospitalidade dissesse respeito apenas aos estrangeiros. Quem é conhecedor da Bíblia já se defrontou com o tema da hospitalidade, seja no Antigo ou no Novo Testamento. Quem estuda a Bíblia já teve a possibilidade de constatar que o tema da hospitalidade não somente está presente na caminhada do povo de Deus, mas também já se deu conta de que se trata de um tema central para a tradição judaico-cristã.

¹ Doutor em Ciências da Religião. Professor da Escola Superior de Teologia, EST, São Leopoldo-RS. E-mail: flavio@est.edu.br

Na definição de hospitalidade dada pelos dicionários, encontramos o seguinte: ação de acolher em casa por caridade ou cortesia, dar hospitalidade. Qualidade do que é hospitaleiro: a hospitalidade do brasileiro é proverbial. A hospitalidade também é, segundo Montandon, “uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis”.² A hospitalidade é “concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma forma própria de humanização, ou no mínimo, uma das formas essenciais de socialização”.

A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas.³

Para Derrida, a hospitalidade é, por definição, incondicional, ela está sempre condicionada pelas condições da realidade.⁴ Daí o seu oposto, o seu paradoxo, a sua impossibilidade. Para o autor, a hospitalidade é o nome geral para todas as nossas relações com o outro. Por hospitalidade, se entende toda a atenção e o carinho dispensados no processo de acolhimento e abrigo de pessoas e grupos fragilizados e vulnerabilizados pela condição de estrangeiros, forasteiros, migrantes e peregrinos.

A hospitalidade é um tema presente em todas as culturas. Da cultura helênica nos vem a alegoria da hospitalidade protagonizada por Júpiter e Hermes. Nesta alegoria estão presentes as muitas dimensões da hospitalidade. O mito explica que a hospitalidade se exerce nas circunstâncias mais adversas. Na alegoria, os hospedeiros são um casal de idosos, Filêmon e Báucis, que vivem numa habitação simples. Sua hospitalidade está relacionada com os cuidados mínimos dispensados a Júpiter e Hermes, mas que dizem respeito ao que cada ser humano necessita: acolhimento, abrigo, alimento e descanso.⁵

Na atualidade, um novo paradigma de hospitalidade reclama por espaço no mundo global. Porém, este novo cenário global também se mostra cada vez mais dual. Nesta dualidade tem-se por um lado, um clima propício ao desenvolvimento das atividades turísticas, pela necessidade de preservar o patrimônio cultural e natural da humanidade, pela preocupação generalizada com a gestão ambiental, pelo respeito aos viajantes e pela

² MONTANDON, A. *Hospitalidade: ontem e hoje*. p. 132.

³ BOFF, L. *Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade*. p. 198.

⁴ Cf. DERRIDA, J. & DUFOURMANTELLE, A. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*.

⁵ Cf. BOFF, L. *Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade*. p. 95s.

integração dos povos. Por outro, também é preciso conviver com conflitos, guerras e hostilidades de toda ordem e origem, seja por questões de natureza religiosa, social, econômica, política ou étnica. Mesmo diante desta condição ambígua, é preciso distinguir os diferentes usos do termo hospitalidade. Diante da necessidade de satisfazer o consumidor contemporâneo, a hospitalidade tem sido cada vez mais requisitada no âmbito comercial.⁶

Os estudos sobre a hospitalidade são cada vez mais diversos e obedecem a enfoques variados. A presente exposição tem o objetivo de destacar a presença do tema hospitalidade na tradição judaica e cristã, e destacar a dimensão ética desta prática. Penso que não é possível falar do tema da hospitalidade no início do cristianismo sem falar da herança recebida pelo cristianismo e toda riqueza da tradição judaica neste aspecto.

Por isso esta exposição começa remetendo o tema à experiência de Israel. Segue com o lugar da hospitalidade na prática de Jesus. Por fim, trata da hospitalidade no ambiente do início do cristianismo.

1. Hospitalidade no Antigo Testamento

O tema da hospitalidade no Antigo Testamento (AT) está diretamente relacionado com a hospitalidade no Antigo Oriente (AO). Ao tratar do tema hospitalidade nas culturas mesopotâmicas, Roland de Vaux assim nos diz que

[o] forasteiro pode desfrutar desta hospitalidade durante três dias, e quando vai embora, deve-se a ele proteção, cuja duração é variável: em algumas tribos “até que tenha saído de seu ventre o sal que comeu”; nas grandes tribos como os *rwala* da Síria, durante outros três dias e em um raio de 150 quilômetros.⁷

O Antigo Testamento nos fala de vários personagens que se defrontam com momentos cruciais de suas vidas onde a questão da hospitalidade é decisiva. Neste cenário, podemos incluir todos os relatos que falam de forasteiros, estrangeiros, peregrinos e migrantes. A questão da migração é tão central na tradição judaica e cristã quanto o tema da hospitalidade. Em certa medida, ambos se complementam. A hospitalidade é uma marca dos povos do deserto, visto ser uma necessidade comum entre as tribos nômades.

O entendimento da hospitalidade, enquanto forma ostensiva de manutenção da sobrevivência em ambiente inóspito e estranho, fez com que ela recebesse

⁶ Cf. CAMARGO, L. O. de L. *Hospitalidade*.

⁷ VAUX, R. de. *Institutiones del Antiguo Testamento*. p. 33.

configurações legais, tornando obrigação, com força de lei, a prática da hospitalidade, mormente com o estrangeiro, o peregrino e o forasteiro.⁸

Assim nos diz o livro do Êxodo: “Não afligirás o estrangeiro nem o oprimido; pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito. [...] Não oprimirás o estrangeiro: conheceis a vida de estrangeiros, porque fostes estrangeiros no Egito” (Ex 22, 20; 23, 9). A experiência de hospitalidade de Abraão e Sara (cf. Gn 18, 1-14) mostra o lugar da hospitalidade na vida das famílias nômades. Diante da chegada de três homens, Abraão vai até eles para oferecer acolhida. Para os viajantes cansados, sujos, com sede e com fome; Abraão oferece alívio, descanso, água para se lavarem e para beber e alimento para saciar a fome. Abraão e Sara preparam um banquete para reafirmar que hospitalidade anda junto com o ato de comer juntos.

Comer juntos, partilhar da mesma mesa é o ato mais significativo de convivência na maior parte das culturas. É a expressão de comunhão, de convivência, de partilha da vida, de partilha do que se tem, é uma experiência de gratuidade. O relato de Gênesis, 18, permite identificar estas características.⁹ Na sequência, estes homens são revelados como “anjos” – um deles é chamado de “O Senhor”. De alguma maneira, o relato está afirmando que ao acolher o Outro, Abraão estava acolhendo o próprio Deus, o totalmente Outro.

De Gênesis, 19, temos o relato de dois homens que são hóspedes de Ló.

De tarde, os dois anjos chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade. Ao vê-los, Ló se levantou, saiu-lhes ao encontro, prostrou-se com o rosto em terra e disse: “Meus Senhores, rogo-vos que venhais à casa de vosso servo para lavardes os pés e pernoitardes. Amanhã cedo, ao despertar, seguireis vosso caminho”. Mas eles responderam: “Não, nós vamos passar a noite na praça”. Ló insistiu muito com eles, de modo que foram com ele para casa, onde lhes preparou um jantar e alguns pães, e eles comeram (Gênesis 19, 1-3).

Na sequência da narrativa, somos informados que os habitantes de Sodoma cercam a casa e violam a lei de hospitalidade. Esta narrativa demonstra todo o espírito da lei da hospitalidade e a que níveis se podia chegar para cumpri-la. Das menções da prática do asilo e da hospitalidade sobressai, pela sua radicalidade, a atitude de Ló ao acolher os mensageiros (cf. Gn 19, 1-11), que, para manter a integridade destes, expõe suas filhas e está disposto a sacrificá-las para acalmar a luxúria daqueles que querem tomar os hóspedes à força da casa de Ló.

Nos dois relatos do Gênesis, o hóspede recebe cuidados extremos e de alta consideração. Receber-lhe é uma honra, pois a hospitalidade é dever sagrado. Estas noções,

⁸ FÄRBER, S. S. *Paroikos como metáfora sobre a provisoriidade da vida*. p. 18.

⁹ Cf. CUNHA, M. “*Em tempos de intolerância, um chamado a hospedar, a acolher, a incluir!*”.

como também demonstram outros episódios bíblicos, “dão azo a interpretações originais e impensadas. Abraão recebe com máxima distinção os três personagens forasteiros em Mambré (cf. Gn 18, 1-8) e Labão pressurosamente acolhe os empregados de Abraão (cf. Gn 24, 28-32)”.¹⁰

Caso extremo de relação de hospitalidade é Jael. Conforme o livro de Juízes 4, 16, Baraque perseguiu o exército de Sísera, exterminando a todos. “Sísera fugiu a pé à tenda de Jael” (Juízes 4, 17). Certamente, ele chegou muito cansado, faminto, com sede e precisando de ajuda. O inimigo do povo então pede: “Dá-me, peço-te, de beber um pouco de água, porque tenho sede. Então ela abriu um odre de leite, e deu-lhe de beber e o cobriu”. Jael então lhe dá leite. Oferece o que havia de melhor em casa.

Como desfecho da história, a Bíblia nos diz que “Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, e lançou mão de um martelo, e chegou-se mansamente a ele, e lhe cravou a estaca na fonte, de sorte que penetrou na terra, estando ele, porém, num profundo sono, e já muito cansado; e assim morreu” (Juízes 4, 21). Aqui a hospitalidade cede lugar, embora Jael seja enaltecida no cântico de Débora: “Bendita seja entre as mulheres, Jael”.

Além de personagens, também se sobressaem períodos e tradições do povo de Deus do passado. A tradição Deuteronomista, por exemplo, não se cansa de proclamar leis sociais onde a hospitalidade aparece como elemento central. O que chama atenção de modo especial em boa parte da fundamentação da prática da hospitalidade é a própria experiência de estrangeiro vivida pelos israelitas no Egito. “Os israelitas nutrem a consciência de terem sido tutelados por outros povos e nações ao longo de sua história”.¹¹

Moisés esteve como hóspede na casa do sacerdote Jetro de Midiã, que logo depois veio a ser seu sogro. Seu filho com a esposa Zípora recebe o nome de Gérson, nome advindo do hebraico que significa “hóspede”. Em Deuterônimo 5, 14, o descanso do estrangeiro é reivindicado em nome do sábado. Em 10, 19, diz: “Portanto, amai o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros no Egito”. No contexto da alegria pela celebração da Festa das semanas o estrangeiro está incluído: “E te alegrarás na presença do Senhor teu Deus, com teus filhos e filhas, escravos e escravas e o levita que mora dentro de tua cidade, e também com o estrangeiro, o órfão e a viúva que habitam em teu meio, no lugar que o Senhor teu Deus escolher para nele fazer morar seu nome” (16, 14). Quanto à Festa das primícias é dito: “Então te alegrarás com o levita e o estrangeiro que mora em teu meio por todos os bens que o Senhor teu Deus te deu a ti e à tua família” (Dt 26, 11).

¹⁰ FÄRBER, S. S. *Paroikos como metáfora sobre a provisoriade da vida*. p. 18.

¹¹ FÄRBER, S. S. *Paroikos como metáfora sobre a provisoriade da vida*. p. 17.

Em Josué (20, 9) se fala da cidade refúgio, de asilo. “Foram essas as cidades designadas, a todos os israelitas e aos estrangeiros que viviam no meio deles, como refúgio para o homicida involuntário”. Percebe-se uma preocupação constante com o estrangeiro na tradição deuteronomista. Esta preocupação tem como pano de fundo a experiência de ter sido estrangeiro no Egito. O cuidado, a atenção e hospitalidade para com o estrangeiro se manifesta nas leis e festas do povo.

Para a tradição sacerdotal (Êxodo 12, 48; Levítico 16, 29; 17, 8-10; 17, 12-13; 17, 15; 19, 10, 33-34; 20, 8; 24, 16; 24, 22; 25, 6), a lei para com o estrangeiro (*gēr*) diz: “O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo” (Lv 19, 34). Quanto à moral e aos preceitos de higiene alimentar, o estrangeiro estava sob as mesmas leis que o israelita: observância do sábado (Ex 20, 10), não comer sangue (Lv 17, 10) e não cometer imoralidade sexual (Lv 18, 26).

No contexto da Lei de Santidade é dito: “Não colhas os últimos cachos de tua vinha, nem ajuntes as uvas caídas. Deixarás isso para o pobre e o estrangeiro. Eu sou o Senhor vosso Deus” (Lv 19, 10). A legislação sacerdotal israelita estabelece uma série de procedimentos com relação ao estrangeiro e peregrino.

O *gēr* não possuía os mesmos direitos civis que os autóctones tinham garantido. Apesar disso, gozava de certos cuidados. Os cidadãos não podiam oprimi-lo nem explorá-lo (Ex 22, 20-21); seu salário deveria ser pago corretamente (Lv 19, 13); deveria ser tratado com respeito e sem violência (Jr 7, 6; 22, 3); tinha direito aos feixes deixados no campo, as azeitonas caídas durante a colheita e as uvas que passaram despercebidas na vindima (Dt 24, 19-21); a cada três anos o dízimo dos frutos era a ele destinado (Dt 14, 27; 26, 12). No julgamento, devia ser tratado com justiça (Dt 1, 16; 24, 17; 27, 19), e podia refugiar-se nas cidades em que os cidadãos se refugiavam (Nm 35, 15). Se fosse circuncidado, poderia celebrar a Páscoa (Ex 12, 48-49). As leis referentes à Páscoa eram iguais para estrangeiros e nativos (Nm 9, 14). Resumindo a lei para com o *gēr* é dito: “O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo [...]” (Lv 19, 34). O *gēr* estava obrigado a cumprir deveres religiosos e obedecer ao calendário litúrgico de Israel; estar presente na leitura da Lei (Dt 31, 12); observar a lei da abstinência dos pães fermentados na festa dos ázimos (Ex 12, 19) e participar do Dia da Expição (Lv 16, 29). Quanto à moral e aos preceitos de higiene alimentar, o estrangeiro estava sob as mesmas leis que o israelita: observância do sábado (Ex 20, 10), não comer sangue (Lv 17,10) e não cometer imoralidade sexual (Lv 18, 26).¹²

Na tradição sapiencial, a dimensão da hospitalidade está presente de modo especial nos Salmos. Nos Salmos, Deus é descrito como protetor, rocha de sustentação, escudo e força. O Salmo 46, expressa bem esta natureza hospitaleira de Deus quando diz: “Deus é para nós refúgio e força, defensor poderoso no perigo”. Quando o assunto é hospitalidade, a palavra profética também é significativa. O que os profetas nos dizem sobre hospitalidade? A

¹² FÄRBER, S. S. *Paroikos como metáfora sobre a provisoriade da vida*. p. 16.

primeira resposta é que dizem mais do que nossos dicionários, livros de teologia e estudos, via de regra, conseguem visualizar.

E aos migrantes que aderiram ao SENHOR para prestar-lhe culto e amar o nome do SENHOR, para serem seus servos, os que guardam o sábado com todo respeito, e ficam firmes na minha aliança, vou levá-los para minha santa montanha, vou fazê-los felizes em minha casa de oração: seus holocaustos e oferendas serão todos aceitos com agrado no meu altar. Porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos (Isaías 56, 6-7).

Há em toda literatura profética uma preocupação constante com pessoas em situação de vulnerabilidade. Órfãos, viúvas, estrangeiros e peregrinos merecem atenção especial na palavra profética. A preocupação de profetas como Elias, Amós e Oseias com pobres, viúvas e órfãos tem a hospitalidade como alvo.

Além de todo o discurso voltado para a prática da hospitalidade, o Antigo Testamento também faz questão de registrar situações de negação da hospitalidade. O relato de Juízes nos diz que “Dirigiram-se para lá, a fim de passarem a noite. Tendo entrado na cidade, parou o levita na praça, e ninguém lhe ofereceu hospitalidade” (Jz 19, 15). Também o livro de Ester fala da hospitalidade quando diz: “Ora, pois, é assim que o macedônio Amã, filho de Amedata, homem verdadeiramente estranho ao sangue dos persas e muito alheio à nossa bondade – embora gozasse de nossa hospitalidade” (Et 16, 10). Também o pregador lamenta a ingratidão com relação à hospitalidade: “Recebe-se com hospitalidade, dá-se de comer e de beber a ingratos; e, depois disso, ouvem-se palavras desagradáveis” (Ec 29, 32). A censura por causa de empréstimo e hospitalidade são vistas como penosas para o ser humano sensato: “Eis coisas penosas para um homem sensato: ouvir censuras pela hospitalidade e pelo empréstimo que se fez” (Ec 29, 35).

Este breve percurso por personagens e tradições teológicas e literárias permite concluir a que a hospitalidade ocupa um lugar importante, quando não central nas diferentes tradições do Antigo Testamento. Tanto na legislação, quanto nos preceitos sociais e éticos, o tratamento dispensado no relacionamento entre israelitas e de israelitas com estrangeiros e peregrinos, coloca a hospitalidade em alto grau de relevância.

2. Hospitalidade no Novo Testamento

No Novo Testamento (NT), podemos dizer que o tema da hospitalidade começa da forma mais dramática possível. Antes mesmo de nascer, Jesus já experimenta o paradigma da negação da hospitalidade. Lucas é quem nos informa que “não havia lugar para eles na

hospedaria” (Lc 2, 7). João vai dizer que “veio para os seus e os seus não o receberam” (Jo 1, 11).

2.1. Jesus e a hospitalidade

A condição de Jesus é paradigmática. A começar pelo seu nascimento, que acontece em ambiente e condições de *paroikia* (cf. Lc 2, 7), ou seja, de fora de casa. Mesmo na sua terra, Maria e José são *paroikoi*, que na condição de forasteiros, não têm assegurados direitos mínimos e têm que se adequar a esta situação. Na fuga e exílio no Egito (Mt 2, 13-23), Jesus assumiu e recapitulou em si a experiência de Israel. Toda a sua vida pública foi marcada pela itinerância de lugar em lugar e pela condição de hóspede (cf. Lc 10, 38-42). Mas, mesmo quando estava “em sua pátria” (Mc 6, 1-6), fazia a experiência do ser forasteiro. E mesmo na sua morte foi tido como um proscrito (cf. Jo 19, 17-22).

Um momento ímpar da noção de hospitalidade na prática de Jesus pode ser verificado no texto que trata do caminho de Jesus a Emaús. No primeiro contato, Jesus é identificado como peregrino, *paroikos* (Lc 24, 18). Jesus é, inclusive, chamado de *paroikos*. Ele é um estrangeiro para os caminhantes de Emaús. Ele “está por fora”. Nisso também se evidencia a condição de estanho, “de alguém que não compartilha com o sentimento e, ou a realidade que o circunda”.

Porém, Jesus se torna hóspede da viagem. Aqui a hospitalidade se revela na companhia. Os peregrinos são hóspedes do caminho que leva a Emaús. Nesta hospedagem, outras dimensões da hospitalidade vão sendo constituídas. Jesus torna seus interlocutores hospedeiros da Lei e dos profetas. Por fim, a dimensão áurea da hospitalidade: o convite para ficar. Nesta dimensão da hospitalidade, se abrem novamente novas frentes de manifestação da hospitalidade. Vem o convite para comer. Agora a hospitalidade e a convivência se concretizam na comensalidade.

Além de toda uma prática de hospitalidade (Marta e Maria, Zaqueu) durante a atividade pública, quando Jesus é hospedado com frequência (Mc 1, 29; 2, 15; Lc 7, 36; 10, 38); Jesus também deixou palavras sobre a hospitalidade, inclusive parábolas, como a do grande banquete (Lc 10, 34; 11, 5). Quando envia seus discípulos para missão, diz que haverá mais tolerância para Sodoma e Gomorra no dia do juízo que para com os habitantes das cidades que não forem hospitaleiros (Mc 6, 11). Por isso recomenda sacudir o pó de quem não os receber.

No entanto, é em Mateus, 25, 31-45, que o tema da hospitalidade revela toda sua radicalidade nas palavras e prática de Jesus. Diante do grande julgamento, a hospitalidade se torna critério de salvação. “Quando foi que te vimos estrangeiro e te hospedamos?” (Mt 25, 38). “Em verdade vos digo, quando o fizerdes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Aos da esquerda dirá: “porque sendo estrangeiro não me recolhestes” (Mt 25, 43). Aos da direita diz: “quando a um destes pequeninos não o fizeste, não o fizeste a mim” (Mt 25, 45).

A prática e ensino de Jesus sobre hospitalidade também impactaram os seus seguidores. Por isso, a hospitalidade também se torna a marca registrada das comunidades primitivas. A hospitalidade não somente está presente na missão cristã primitiva, mas marca a atividade missionária de várias maneiras. Por um lado, os missionários são hospedados (At 10, 6; 16, 15). Em Romanos, 16, 23, Cayo hospeda Paulo. Além disso, a hospitalidade também é praticada por aqueles que acolhem a igreja em sua casa.

A hospitalidade é retratada tão fortemente como mandamento que no livro de Atos dos Apóstolos, o qual relata a formação da igreja primitiva, menciona-se que a forma de vida dos que seguiam as ordenanças de Jesus Cristo é em extrema comunhão: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. [...] Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (Atos 2, 42-46).¹³ A comunidade cristã tem consciência de que o paradigma “estabelecido por Jesus impõe novas relações sociais que ampliam as possibilidades de interações, assegurando que o cristão está em casa quando quem o acolhe, acolhe, também, o que ele anuncia”.¹⁴

O campo semântico empregado no NT para tratar do tema inclui *xénos* – forasteiro, estrangeiro, hóspede, convidado; *pároikos* – vizinho, aliado; *métoikos* – termo técnico para designar o não-cidadão, e *allótrios* – estrangeiro, estranho, inimigo, e *parepidemos* – estrangeiro que reside temporariamente num lugar.¹⁵ O termo *paroikos* costuma ser traduzido como: a) peregrino, estrangeiro, forasteiro e migrante (imigrante/emigrante); b) vizinho, habitante, morador, residente temporário e hóspede; c) andarilho, nômade e não-cidadão (não-israelita); d) desterrado, exilado, expatriado ou que está na diáspora; e) cativo, empregado, servo e escravo; f) estranho, pagão e gentio. Também é chamado de *paroikos* o viajante e o

¹³ Cf. CAMARGO, R. S. S. & BUENO, M. S. “Dádiva e hospitalidade na Bíblia”. p. 67.

¹⁴ CAMARGO, R. S. S. & BUENO, M. S. “Dádiva e hospitalidade na Bíblia”. p. 66.

¹⁵ Cf. BIETENHARD, H. *Extranjero*. p. 158.

judeu da diáspora, que vai a Jerusalém para as festas.¹⁶ *Paroikos* é uma palavra grega que corresponde ao termo rG (gēr) hebraico. O termo tem espectro amplo e variável, podendo receber traduções diversas. A mais importante, porém, e que, está presente na maioria dos conceitos, é a de peregrino, migrante e estrangeiro.

Da palavra grega *xénos* e latina *hostis* temos o sentido de estrangeiro, hóspede e inimigo. Delas derivam nossas palavras xenofobia, filoxenia, hospitalidade e hostilidade. De *xénos* derivam as palavras *philoxenia* – hospitalidade, amor aos estrangeiros; *philóxenos* (1 Tm 3, 2; Tt 1, 8) – hospitaleiro, e *xenodochéo* – hospedar, dar hospitalidade. Para os gregos, *xénos* é aquele que não pertence à comunidade. Em Roma, o estrangeiro somente passava a desfrutar de proteção e abrigo caso tivesse um *patronus*. No NT a palavra aparece 14 vezes, 5 vezes no Evangelho de Mateus e quatro na passagem de Mt 25, 31-45.

O emprego das diferentes expressões no NT deixa claro que antes de serem chamados por Cristo, os cristãos eram estrangeiros, *xénos*. Agora são cidadãos que adquiriram inclusive a cidadania celeste (Fl 3, 20; Gl 4, 26; Ef 2, 6; Hb 11, 15; 13, 14).¹⁷

2.2. A hospitalidade em Paulo

Nos escritos paulinos é recorrente o anúncio da superação de barreiras entre as pessoas: “já não há mais grego ou judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre” (Gl 3, 28), em Cristo todos são um só povo (cf. Ef 2, 14), sem acepção de pessoas (cf. At 10, 34s). A partir das comunidades paulinas, os cristãos adotam um estilo de vida comunitário, aberto aos outros e acolhedor com os estranhos, “sendo hospitaleiros uns com os outros” é a recomendação de Paulo às comunidades de Roma (Rm 12, 13).

O escritor da epístola aos Hebreus chega a afirmar: “Não vos esqueçais da hospitalidade, pois por ela alguns, sem o saber, hospedaram anjos” (Hb 13, 2). Escrevendo a Timóteo (1 Tm 3, 2), o apóstolo Paulo, afirma: “É necessário, pois, que o bispo seja [...] hospitaleiro...”.

Paulo elabora uma definição de hospitalidade quando escreve aos romanos: “Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade” (Rm 12, 13). Aqui hospitalidade não é só hospedar alguém, mas ajudar as pessoas e socorrê-las em suas necessidades.

¹⁶ Cf. BIETENHARD, H. *Extranjero*. p. 163.

¹⁷ Cf. BIETENHARD, H. *Extranjero*. p. 162.

2.3. Hospitalidade na literatura petrina

Em seu livro *Um lar para quem não tem casa*, John Elliot investiga questões sociológicas da Primeira carta de Pedro. Nesta investigação, identifica os cristãos como *paroikoi*. Constata que os cristãos vivem a dialética de ser *paroikoi* e de ter a obrigação moral de socorrer quem é *paroikos*. Ser *paroikoi* não é o mesmo que ser *parepidemos*, pois este é um morador temporário, enquanto que o primeiro é residente. *Paroikos* é uma palavra grega, resultado da união de duas outras: *para* + *oikia* (ao lado + casa). Esta palavra *paroikia* se tornou o elemento gerador da reflexão escatológica segundo afirma-se que “nossa cidade está no céu” (Fl 3, 20), porque “aqui não temos cidade permanente” (Hb 13, 14) e “as coisas deste mundo passam” (1Co 7, 31b).

Desta maneira, a comunidade cristã aprofunda o sentido do “amor ao estrangeiro” e o denomina de *paroikos*. O cristão peregrino, estrangeiro, é um *paroikos* pelo simples fato de que estar com Cristo é viver em trânsito com ele e “não ter aqui uma cidade permanente” (Hb 13, 14).

Pelos nomes inseridos em 1 Pedro (1, 1) e pela omissão das províncias da Lícia e Panfília, que se situam ao sul dessa cordilheira, podemos concluir que a carta teve como destinatário o conjunto de comunidades cristãs que se achavam em toda a Ásia Menor romana ao norte e oeste do Tauro.¹⁸

Na primeira carta de Pedro, os principais destinatários aos quais é enviada a missiva são os *paroikoi*. “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que vivem como migrantes dispersos no mundo – no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia” (1 Pe 1, 1). Em 1 Pedro, 4, 9, nós lemos: “Sendo hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurações”. Num contexto de perseguições, discriminação e adversidade de toda ordem, a reciprocidade da hospitalidade soa como manifestação concreta de vivência do “novo mandamento”.

Paroikoi eram pessoas que viviam a tensão cotidiana de não serem cidadãos, apesar do direito de residir na cidade; não possuíam direitos plenos, apesar de terem que cumprir deveres tanto quanto os nativos; eram residentes, mas, apesar de terem estadia fixa, estavam de passagem; sua pátria podia estar perto, ou mesmo, ao lado, mas não era ali. Onde eles viviam era lugar de peregrinação (*paroikia*).¹⁹

¹⁸ ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa*. p. 59. As palavras *Paroikos* (Ef 2, 19; 1 Pe 1, 1), e *Paroikia* (At 13, 17; 1 Pe 1, 17) identificam as comunidades cristãs primitivas.

¹⁹ FÄRBER, S. S. *Paroikos como metáfora sobre a provisoriedade da vida*. p. 13.

Os *paroikoi* tinham direitos locais restritos, sendo-lhes proibido, por exemplo, casamento com pessoas de outras classes, comércio com qualquer um, participação e voto em assembleias públicas, direitos de propriedade. Porém, graças à hospitalidade dos cristãos espalhados pelas cidade do mundo urbano do primeiro século, especialmente na Ásia Menor, a população migratória daqueles tempos encontrou acolhimento, abrigo e ajuda para contornar as dificuldades inerentes a condição. Elliott adverte que não há dados precisos sobre o número de *paroikos* no período helenístico e início do Império Romano, porém não se pode subestimar esta cifra, uma vez que em Rodes, no ano 305 a.C., a proporção era de 1.000 *paroikos* para cada 6.000 cidadãos.²⁰

Toda esta prática de hospitalidade fomentada e vivida pela comunidade cristã primitiva em diferentes graus de intensidade confronta-nos com nossos estilos, opções e omissões. Também hoje, pela prática da hospitalidade dizemos quem conta e quem não conta neste mundo. Decidimos com quem vale e com quem não vale a pena conviver. Fazemos seleção, exclusão e separação.

Dessa forma, tem muita gente que se torna forasteira, estrangeira em sua própria terra. Moradores das favelas, os sem-terra, os indígenas, mulheres sozinhas, dependentes químicos, homossexuais, as pessoas idosas, as pessoas que têm a pele colorida, pessoas desempregadas, pessoas com deficiência, pessoas que vivem diferentes formas de cultivar a fé, catadores de lixo, pessoas contaminadas com HIV, migrantes em geral, são os *paroikoi* de hoje reclamando por hospitalidade.

Conclusão

A prática da hospitalidade está presente na atividade pública e ensinamento de Jesus. Jesus está na linha de uma prática do povo de Deus do AT. A comunidade cristã encontra na prática da hospitalidade de Jesus uma forma concreta de viver o seguimento ao mestre. A Igreja primitiva não somente pratica a hospitalidade, mas ensina e recomenda a prática como forma de manifestação do amor de Deus uns para com os outros. A hospitalidade carrega com ela a ideia da reciprocidade. Diante das adversidades do fenômeno migratório em si, da condição social dos primeiros cristãos urbanos, da realidade das cidades, a hospitalidade diferencia os cristãos, confere dignidade pelo acolhimento, abrigo e solidariedade.

²⁰ Cf. ELLIOTT, J. H. *Um lar para quem não tem casa*. p. 143.

Cristãos não tem aqui cidade permanente, mas estão em busca da que há de vir. Continuam peregrinos, estrangeiros, migrantes a caminho da morada permanente. Nesta peregrinação são chamados a praticar a hospitalidade: acolhimento, abrigo, proteção, cuidado e suprimento das necessidades. Mais do que uma preocupação clientelista preocupada em atender bem numa relação comercial, a hospitalidade reclama por lugar na vida de pessoas que estejam dispostas a partilhar da sua condição privilegiada com os forasteiros e peregrinos da atualidade.

Segundo um pensamento popular de Vitor Feller, a maior miséria física é morrer de fome e a maior miséria ética é deixar morrer de fome. Parafraseando este pensamento podemos afirmar: Se a maior miséria social é a xenofobia, então a maior miséria ética é a ausência de hospitalidade.

Referências

- BIETENHARD, Hans. “**Extranjero**”. In: COENEN, Lothar & BEYREUTHER, Erich & BIETENHARD, Hans. **Diccionario Teologico del Nuevo Testamento**. Volume 2. Salamanca: Sígueme, ³1986-1990. p. 158.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, ²2004.
- CAMARGO, Renata Silva Santos & BUENO, Marielys Siqueira. “**Dádiva e hospitalidade na Bíblia**”. In: **Revista Hospitalidade**. Vol. VIII; Nr. 2; 2011. p. 52-70.
- COENEN, Lothar & BEYREUTHER, Erich & BIETENHARD, Hans. **Diccionario Teologico del Nuevo Testamento**. 4 vols. Salamanca: Sígueme, ³1986-1990.
- CUNHA, Magali. “**Em tempos de intolerância, um chamado a hospedar, a acolher, a incluir!**”. Disponível em <<http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=1079>> (acessado em 14 de agosto de 2013).
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.
- DERRIDA, J. & DUFOURMANTELLE, A. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- ELLIOTT, John H. **Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FÄRBER, Sonia Sirtoli. **Paroikos como metáfora sobre a provisoriedade da vida**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST, 2011.

MONTANDON, Alain. “**Hospitalidade: ontem e hoje**”. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

MOYA, Iara Maria da Silva & DIAS, Celia Maria de Moraes. “**Hospitalidade: da imagem ao simbólico**”. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1585-1.pdf>>. Acessado em 18 de agosto de 2013.

VAUX, Roland. **Institutiones del Antiguo Testamento**. Barcelona: Herder, 1976.

Recebido em 21 Ago. 2013

Aceito em 14 Out. 2013